

## 2

### Sobre a evolução da teoria pulsional freudiana

#### 2.1

##### A emergência do conceito de pulsão na obra freudiana

*De todas as partes lentamente desenvolvidas da teoria analítica, a teoria das pulsões foi a que mais penosa e cautelosamente progrediu. (Freud,1930:139)*

Partiremos da premissa de que o corpo fornece uma fonte de estimulação constante, da qual não é possível esquivar-se e que sustenta toda a atividade psíquica. Este postulado encontra-se presente na obra freudiana, desde o início como podemos notar num trecho do artigo de 1895, intitulado *Projeto para uma psicologia científica*, no qual somos informados que “ $\Psi$  (psi) está à mercê de Q”, pois os estímulos endógenos se produzem de maneira contínua, ao contrário dos estímulos externos “e é assim que surge no interior do sistema o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos essa força como vontade - o derivado das pulsões” (Freud (1950[1895]:335). Isto significa que não há possibilidade de fuga. Podemos fugir dos estímulos externos, mas não podemos fugir dos estímulos internos, “e nesse fato se assenta a mola mestra do mecanismo psíquico” conclui Freud.<sup>2</sup>

Neste ponto de sua produção teórica, Freud concebe um aparato psíquico que é regulado pelo princípio da inércia neuronal, funcionando no sentido de se ver livre dos estímulos, e isso só é possível através da descarga de Q que ele recebe.<sup>3</sup>

Ele vai definir três grandes sistemas neuronais em seu *Projeto para uma psicologia científica*. São eles: sistema Psi ( $\Psi$ ), sistema Phi ( $\phi$ ) e sistema Omega

---

<sup>2</sup>Op. cit. p. 334.

<sup>3</sup> Sendo Q, a energia que circula pelos neurônios, capaz de deslocamentos e descargas. No *Projeto*, a noção de quantidade é representada ora pela abreviatura Q, ora pela abreviatura Q`n. Algumas vezes Q é empregada para designar a energia que circula pelo sistema nervoso, outras vezes distingue Q de Q`n, designando a primeira como energia de fonte exógena e que é da mesma ordem de magnitude que as quantidades do mundo externo, e a segunda designando a energia da fonte endógena, cuja magnitude é de ordem intercelular. Para facilitar nossa leitura utilizaremos a abreviatura Q, para designar a excitação presente no sistema.

de neurônios ( $\omega$ ). O sistema psi é responsável dentre outras coisas pela memória, e é estimulado diretamente de fonte endógena e indiretamente de fonte exógena via phi. Em função dessa dupla fonte de psi, Freud divide o sistema psi em duas partes: O psi pallium e o psi núcleo, donde os neurônios do pallium são investidos a partir de phi, e os neurônios do núcleo são investidos a partir de fontes endógenas (corpo), que mais tarde veremos que Freud denominará de fonte pulsional.

Os neurônios de acordo com Freud, possuem barreiras de contato, que podem ser mais ou menos resistentes que a magnitude de Q. Se a resistência na barreira de contato for maior que a magnitude de Q, o neurônio em questão é impermeável, retentor de Q. Ao contrário, quando a resistência da barreira de contato, for menor que a magnitude de Q, este neurônio é permeável à energia e, portanto é condutor. Os neurônios impermeáveis servem à memória e os permeáveis à percepção. Os neurônios perceptivos são chamados de phi; os neurônios retentores de Q, portanto portadores de memória são chamados de psi.

O termo pulsão insinua-se para Freud já em suas primeiras publicações ditas pré-psicanalíticas, mas só vai ganhar um estatuto conceitual propriamente no artigo *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, quando Freud vai defini-la como:

(...) o representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação em contraste com um 'estímulo', que é estabelecido por excitações *simples* vindas *de fora*. O conceito de pulsão é assim um dos que se situam na fronteira entre o psíquico e o físico. A mais simples e mais provável suposição sobre a natureza das pulsões, pareceria ser que, em si uma pulsão não tem qualidade, e no que concerne à vida psíquica deve ser considerada apenas como uma medida da exigência de trabalho feita à mente. O que distingue as pulsões uma das outras e as dota de qualidades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e com seus objetivos. A fonte de uma pulsão é um processo de excitação que ocorre num órgão e o objetivo imediato da pulsão consiste na eliminação deste estímulo orgânico (Freud, 1905:171).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Este trecho foi acrescentado à terceira edição dos "Três Ensaio", em 1915.

No texto em questão Freud distingue fonte, objeto e finalidade da pulsão, sendo a fonte somática e o objeto variável; a finalidade ou objetivo seria a descarga do excesso tensão. É justamente esta variabilidade objeto, ou seja, a independência da pulsão com relação ao mesmo, que vai permitir diferenciá-la nitidamente da noção de instinto, sobre a qual se apoiavam as teorias sobre a sexualidade vigentes à época de Freud.

Os *Três Ensaio sobre a Teoria da sexualidade* tematizam o conceito de pulsão sexual e não o instinto sexual entendido como uma conduta cujos padrões são fixados hereditariamente.

No que se refere à sexualidade, o padrão natural corresponderia à reprodução animal. Ou seja, uma sexualidade dita normal teria de atender à finalidade de reprodução e manutenção da espécie e toda a manifestação sexual que subvertesse este modelo seria aberrante e perversa.

A originalidade da psicanálise é propor que a sexualidade humana é em si mesma aberrante<sup>5</sup>. A pulsão sexual é independente de seu objeto e “nem é provável que sua origem seja determinada pelos atrativos de seu objeto” (Freud, 1905:149). Ou seja, qualquer objeto pode ser objeto da pulsão sexual, desde que atenda à finalidade de satisfação.

A contingência do objeto e a plasticidade das formas de realização sexual, tal como propostos por Freud em seu artigo de 1905, são precisamente aquilo que distingue a natureza humana dos outros animais.

No homem as modalidades de satisfação estão vinculadas às zonas erógenas. Num primeiro momento a sexualidade humana é auto-erótica e o funcionamento pulsional se dá da seguinte forma: As pulsões parciais (que se relacionam com as excitações de certas partes do corpo) se exercem de forma não unificada, são independentes de um objeto específico e autônomas em relação à função biológica. Freud aponta o sugar como uma das primeiras exteriorizações da sexualidade infantil. Neste ato o que está presente é o prazer de sugar e não a satisfação de uma necessidade. É uma prática que freqüentemente tem por objeto uma parte do próprio corpo, o que a torna independente de um objeto externo,

---

<sup>5</sup> Evidentemente, que é aberrante em relação à função biológica da reprodução, no sentido de que o que a pulsão sexual visa não é a reprodução mas a satisfação. Freud nos revela que a sexualidade é o que é característico da espécie humana.

como o seio, por exemplo. Estas duas características – a independência do objeto externo e a independência da finalidade de nutrição - levam Freud a postular um dos conceitos mais importantes dos *Três Ensaio*s – o de auto-erotismo <sup>6</sup>, considerado o momento primeiro da sexualidade infantil, no qual o prazer de órgão se diferencia dos comportamentos puramente adaptativos. O auto-erotismo marca o ponto de ruptura do pulsional em relação ao instintivo.

Durante o processo de desenvolvimento libidinal, que vai do auto-erotismo, passando pelo narcisismo (momento da assunção subjetiva), até chegar ao estágio da escolha objetal, as pulsões parciais vão pouco a pouco se unificando sob o primado da zona genital, quando finalmente vão poder servir eficazmente à finalidade de reprodução da espécie. Contudo, somos advertidos de que este processo de desenvolvimento não é linear, havendo paradas, regressões e fixações, durante o percurso que determinam diferentes subjetividades.

É importante sublinhar, que neste momento, além da sexualidade, também a pulsão abrange uma outra esfera: a auto-conservação do indivíduo. A noção de ‘apoio’ da sexualidade sobre as grandes funções fisiológicas do organismo: a nutrição e a excreção; presente no artigo de 1905, sugere a existência daquelas que mais tarde foram denominadas de pulsões de auto-conservação ou pulsões egóicas. <sup>7</sup>

O passo seguinte na construção da teoria pulsional é dado em 1910, num artigo intitulado *As Perturbações Psicogênicas da Visão segundo a Concepção Psicanalítica*. Aqui Freud formula a oposição entre as pulsões sexuais e as do eu.

<sup>8</sup> Nós trataremos desta evolução adiante, no tópico destinado às duas dualidades pulsionais.

---

<sup>6</sup> Cf. GARCIA-ROZA, L.A. , *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. 3, Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 33.

<sup>7</sup> Nos *Três Ensaio*s sobre a Sexualidade, Freud elaborou o conceito de apoio (*Anlehnung*). Segundo ele as pulsões se apoiam inicialmente nas funções corporais que servem à conservação da vida individual. Contudo, a partir do auto-erotismo, as pulsões que até então se apoiavam nas funções biológicas, aos poucos tornam-se autônomas, já que a partir daí o prazer de órgão se acrescenta e se diferencia dos comportamentos puramente adaptativos. Em resumo a tese de Freud é de que as pulsões sexuais surgem, quando o prazer torna-se autônomo em relação à satisfação da necessidade, mas que este surgimento não se dá sem um apoio nas funções biológicas.

<sup>8</sup> Cf. Mezan, R., *Freud: A trama dos conceitos*, Perspectiva, SP, 1991, p. 155.

## 2.2

### A concepção quantitativa do projeto

Quando Freud escreve seu *Projeto para uma Psicologia Científica*, sua intenção é como o próprio título já indica, prover uma psicologia aos moldes da ciência natural. Para tanto, o que ele nos oferece é uma concepção quantitativa dos processos psíquicos. De saída ele sublinha as duas idéias que norteiam o Projeto. São elas:

- a) A que distingue a atividade do repouso deve ser considerada como Q, sujeita às leis gerais do movimento.<sup>9</sup>
- b) Os neurônios devem ser encarados como as partículas materiais.<sup>10</sup>

Segundo Paes de Barros (1975), o projeto freudiano se sustenta ainda em dois princípios fundamentais, que seriam:

- a) O princípio da inércia neurônica, que afirma que os neurônios têm a tendência a descarregar, automaticamente, toda a quantidade que venham a receber.
- b) A teoria do neurônio que afirma que os sistemas neurônicos se organizam, de maneira a estabelecer barreiras de contato entre os neurônios individuais, possibilitando a formação de resistências, que se opõem à tendência à descarga, que é prevista pelo princípio da inércia.

---

<sup>9</sup> A primeira parte desta oração nos parece um tanto quanto enigmática, pois parece sugerir, que o que distingue a atividade do repouso é a Q. No entanto somos alertados pelo editor, a conferir o apêndice C deste artigo. Lá tivemos indicações de que Q por vezes aparece em seu estado fluente, e por vezes sob uma forma mais estática. Dentre outras coisas, esta distinção é relacionada com uma distinção entre o processo primário (não-inibido/estado de Q fluente, passando através de um neurônio ou indo de um neurônio a outro) e o processo secundário (inibido/ estado de Q estática num neurônio). Donde concluímos que a importância óbvia do que Freud está dizendo da Q, neste momento, é que está sujeita às leis gerais do movimento, isto é : circula e se acumula pelo e no sistema nervoso.

<sup>10</sup>Op. cit. p. 315.

Desta forma é dada a largada rumo à construção de uma ciência do psiquismo, donde o neurônio é concebido como o suporte material e a unidade fundamental e constituinte do aparato psíquico.

Os neurônios formam sistemas <sup>11</sup>e podem ser ao mesmo tempo condutores e armazenadores de energia.

O aparelho neuronal assim concebido é capaz de receber, transformar e transmitir (através das vias condutoras) a energia.

Neste ponto de sua elaboração teórica, Freud nos fala de três sistemas neuronais. São eles: sistema phi, sistema psi e sistema omega, cada um com seus respectivos modos de funcionamento dentro do aparato. A energia que circula pelos neurônios é designada Q, e é capaz de deslocamento e descarga.

Constatamos que já em 1895, Freud elabora uma concepção quantitativa, que segundo ele “deriva diretamente das observações clínicas patológicas, especialmente no que diz respeito à idéias excessivamente intensas – na histeria e nas obsessões, nas quais como veremos, a característica quantitativa emerge com mais clareza do que seria normal”(Freud, 1895:315).

É notável que mais de quatro décadas depois ele ainda atribua importância ao fator quantitativo, como sendo um fator decisivo na etiologia das neuroses. <sup>12</sup>

Efetivamente se queremos lançar luz sobre o conceito de pulsão, é indispensável que estejamos a par da teoria quantitativa. Muito embora o que estamos nos referindo conste do *Projeto* de 1895, a idéia de quantidade vai manter o seu frescor e sua atualidade durante toda a obra freudiana, e estará sempre vinculada de alguma maneira à economia pulsional. Daí a relevância que lhe estamos atribuindo. <sup>13</sup>

Voltando ao aparelho neuronal, vimos que neste momento da teoria, o princípio que o regula é o chamado ‘princípio da inércia neuronal’, que expressa a tendência dos neurônios a livrar-se de Q. Esta atividade de descarga representa a função primordial do sistema nervoso, sendo que a esta se soma ainda uma outra

---

<sup>11</sup> Sobre os sistemas neuronais do Projeto, ver pagina 1 deste trabalho.

<sup>12</sup> Cf. *Análise Terminável e Interminável*, 1937.

<sup>13</sup> A teoria quantitativa está presente em toda a teoria do conflito como causa não só das neuroses, mas numa série de estados mentais. Segundo nota do editor inglês (Freud,1950[1895]:409), a partir do artigo “O Inconsciente” Freud passa a usar o termo “econômico” como equivalente de “quantitativo”. Muito embora, o uso das duas palavras como sinônimos, já pudesse também ser encontrada em uma carta escrita a Wilhelm Fliess, com data de 27 de Abril de 1895. (Freud, 1950 a, Carta 23).

que Freud chamou de ‘fuga do estímulo’, segundo a qual o sistema neurônico procura conservar as vias de descarga que o possibilitam manter-se afastado das fontes de excitação.

Entretanto, o ‘princípio da inércia’ não atua sozinho, e segundo as palavras de Freud ele é rompido por outra circunstância, um outro modo de funcionamento do aparelho que procura evitar a livre descarga de energia. Isto acontece, porque o sistema nervoso recebe estímulos endógenos, além daqueles provenientes da realidade externa. Estes estímulos (de origem endógena) são aqueles que criam as grandes necessidades vitais: a fome, a respiração e a sexualidade. É o que ele chamou de *exigências da vida*, das quais não é possível esquivar-se. Estas exigências só são apaziguadas, mediante a realização de uma ou mais ações específicas que sejam capazes de aplacar sua intensidade.

Para realizar a ação específica, o organismo precisa de energia e por isso não pode abandonar-se totalmente aos ditames do princípio da inércia e descarregar toda a Q; ao contrário, precisa suportar certo acúmulo da mesma, para realizar as ações específicas destinadas a satisfazer as exigências dos estímulos endógenos (somáticos). Ou seja, ao mesmo tempo em que o sistema procura se proteger contra um aumento da Q, ele é obrigado a tolerar um acúmulo da mesma, num esforço por mantê-la constante. Esta é a lei da constância que constitui a função secundária do sistema, imposta pelas exigências da vida, ao passo que a função primária é como vimos, o princípio da inércia e a fuga do estímulo.

## 2.3

### A experiência de satisfação

A primeira vez que a expressão experiência de satisfação aparece na obra freudiana, é em 1895, no artigo intitulado *Projeto para uma Psicologia Científica*, e o curioso, é que apesar do nome, vem a ser justamente a precursora de uma experiência de desapontamento.

Em Freud, a experiência de satisfação está ligada à concepção de um estado de desamparo original do ser humano, que nasce despreparado, para realizar sozinho as ações específicas necessárias, ao aplacamento das tensões, provocadas pelo acúmulo de Q.

Esta fragilidade, do humano recém - nascido, o coloca numa relação de total dependência da pessoa responsável por ele. No sentido de que, ao não ser capaz de realizar a ação específica, destinada a satisfazer as exigências dos estímulos endógenos, ele vai precisar de outra pessoa, para suprimir assim a tensão. A eliminação, portanto, do estado de tensão decorrente dos estímulos internos, dá lugar àquilo que Freud chamou de vivência de satisfação.

Esta estimulação endógena está ligada, como vimos antes a estados de necessidade, que Freud chamou de exigências da vida.

Pois bem, recapitulando o que já vimos, sabemos que o sistema psi conecta-se diretamente com a fonte somática de excitação, e que retém Q endógena até certo ponto. Vimos também que esta estimulação é constante e dela não é possível fugir. A certa altura do processo, os neurônios psi que estão carregados de Q vão se encontrar num estado de *urgência*, para usar as palavras de Freud, e por efeito disto vão apresentar uma propensão à descarga, como os outros neurônios através das vias motoras, “a primeira via a ser seguida é a que conduz à *alteração interna* (expressão das emoções, gritos, inervação muscular)”<sup>14</sup>. O objetivo da descarga motora é o alívio da tensão em psi. No entanto, Freud nos adverte que nenhuma descarga motora (alteração interior) pode ser suficiente para reduzir a tensão do sistema psi, pois o estímulo endógeno continua atuando. Como já vimos, esta estimulação interna está ligada às necessidades corporais (fome, respiração e sexualidade), às urgências da vida. Ora, esta urgência não pode ser atendida com uma simples descarga motora. Por exemplo, se um recém-nascido ao sentir fome, chorar e espernear, não vai conseguir eliminar o estado de estimulação na fonte somática. Isto significa que este comportamento não vai por si mesmo, trazer-lhe o alimento necessário, para aplacar-lhe o desprazer.

Mas o que Freud vai dizer, é que esta conduta do recém-nascido o insere numa relação de comunicação com o outro. O choro é ouvido pelo outro como um sinal, de que algo não vai bem. Quando a pessoa responsável pelo bebê atende este sinal fazendo dele uma demanda, amparando-o de alguma forma através da realização da ação específica, o resultado é a eliminação do estado de estimulação

---

<sup>14</sup>Op. cit. p. 336.

na fonte; o que Freud formulou como vivência (experiência) de satisfação da necessidade.

A partir daí, a vivência de satisfação fica ligada à imagem do objeto que proporcionou satisfação e à imagem do movimento que proporcionou a descarga, por um processo chamado associação por contigüidade. Assim, quando surgir de novo um estado de urgência surge um impulso psíquico que procura reinvestir a imagem mnêmica do objeto, com a finalidade de repetir a satisfação inicial.

Nos termos do Projeto, o que ocorre é que a vivência de satisfação gera uma facilitação<sup>15</sup> entre duas imagens mnêmicas (a do objeto que causou satisfação e a da descarga pela ação específica) e os neurônios nucleares investidos. Com o reaparecimento do estado de urgência, as duas imagens mnêmicas são reativadas com a ressalva de que o que é reativado é uma imagem mnêmica, sem que essa reativação seja acompanhada pela presença real do objeto. O que ocorre é uma alucinação, sobrevivendo assim uma frustração e um desapontamento, já que sem o objeto real não pode haver satisfação. Sem contar que mesmo a satisfação original não pôs fim à estimulação, já que esta flui continuamente. O que nos remete à idéia de que não há satisfação total. Sobre este assunto falaremos mais detalhadamente, ao abordar a relação da pulsão com a satisfação que é sua finalidade.

É importante dizer aqui que esta noção, de uma experiência primária de satisfação, é a base da formulação freudiana sobre o desejo e será retomada no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*. Concluimos, que a experiência primária de satisfação é o momento primeiro da instauração do diferencial prazer/desprazer, e se constitui como modelo para as vezes seguintes em que se instaurar um estado de desejo.<sup>16</sup>

Retomando estas indicações, Rudge dirá que:

---

<sup>15</sup>Facilitação é um processo no qual há uma passagem parcial de Q, pelas barreiras de contato, que ficam marcadas ou alteradas. Esta alteração é uma diminuição da resistência, de maneira que doravante, a excitação tende a percorrer o mesmo caminho, através do qual houve facilitação, ou menor resistência das barreiras. A maior ou menor facilitação vai caracterizar a memória neurônica, e o grau de facilitação depende da quantidade (Q) com a qual o neurônio tem que lidar.

<sup>16</sup> Nos termos do *Projeto*, os estados de desejo seriam os resíduos de experiências de satisfação. Segundo Freud “o estado de desejo resulta numa atração positiva para o objeto desejado, ou mais precisamente, por sua imagem mnêmica” (FREUD, 1895[1950]: 339/340).

A conseqüência direta da experiência de satisfação é que qualquer acumulação de excitação sentida como desprazer colocará o aparelho em ação para repeti-la. A corrente que se inicia no desprazer e tem o prazer como finalidade é o que Freud chamará desejo (Rudge, 1998:21).

Assim, a cada vez, o aparato psíquico procura realizar uma ação específica, cuja finalidade é reencontrar o objeto que originalmente produziu satisfação. Contudo, vimos que a necessidade destas ações específicas, deve ser reconhecida por um outro ser humano.

Na concepção freudiana, de um lado o desejo está ligado às urgências da vida, e portanto, às estimulações internas que provocam tensão, e impelem o sujeito a buscar satisfação; e de outro às imagens mnêmicas ou representações, através do que o ser humano se relaciona com o mundo, e com os objetos do mundo. Neste processo a intervenção do outro é fundamental, indicando que desde o início é na relação com o outro que o desejo se constitui. Esta intervenção é mediada pela linguagem, que é condição do desejo, que se por um lado nos remete ao impossível da satisfação, por outro cria inúmeras possibilidades de satisfação parcial da pulsão.

Segundo Rudge (1998:17), é sob o rótulo de ‘desejo’, que Freud vai descrever como a partir da experiência de satisfação de necessidade, vão se criando facilitações que servem como roteiro, para aquilo que mais tarde ele chamou de pulsões sexuais. Para a autora, estas facilitações “são marcas de uma história que se inicia no encontro com o corpo do semelhante. Corpo e voz. As pulsões também são o eco, no corpo, da fala materna”.

Esse modo de entender a experiência de satisfação nos ajuda a concluir que estes circuitos que se instauram a partir das primeiras experiências de prazer e desprazer, são o que depois se chamou circuitos pulsionais.

Freud vai introduzir o assunto em 1905, fazendo uma sistematização mais detida em 1915, no artigo dedicado a definir os destinos pulsionais, onde veremos os elementos que respondem pela natureza da pulsão. A saber: pressão, fonte, objeto e alvo.

## 2.4

### Os quatro elementos da pulsão

No texto de 1915, *As Pulsões e suas vicissitudes*, Freud importa da fisiologia a idéia de estímulo e o modelo do arco reflexo, segundo o qual um estímulo aplicado a um tecido vivo a partir de fora é descarregado para fora, numa ação que remove a substância estimulada do raio de atuação do estímulo.

A seguir somos advertidos que ainda que possamos afirmar que uma pulsão é um estímulo aplicado à mente, não devemos confundir a pulsão com qualquer estímulo fisiológico que atua na mente, uma vez que a pulsão caracteriza-se por ser uma força de impacto constante, que incide não a partir de fora, mas de dentro do próprio organismo. Ou seja, a pulsão caracteriza-se de saída por ser uma força que pressiona constantemente, contra a qual não há nenhuma ação motora (fuga) que a elimine.

Da biologia, Freud extrai a idéia de que há um mecanismo mental denominado Princípio de constância, como já vimos, que rege o sistema e cuja finalidade é dominar os estímulos que aportam à mente, seja livrando-se deles ou mantendo-os tão baixos quanto possível.

O segundo princípio em jogo é o princípio do prazer, segundo o qual “o curso seguido pelos eventos mentais, assume uma direção tal, que seu resultado final coincide com (...) a fuga do desprazer ou uma produção de prazer” (Freud, 1920:7).

O fato é que em se tratando das pulsões, não há nada que faça cessar o estímulo, isto obriga o sistema a renunciar à “intenção ideal” (Freud, 1915a:140), de dominá-los, como exige o princípio da constância. Neste sentido a pulsão é a força motriz por trás do nível de desenvolvimento que o sistema teve que alcançar, para realizar a tarefa de evitar o desprazer, (diminuição da estimulação), uma vez que obriga o sistema a empreender atividades complexas e interligadas, “pelas quais o mundo externo se modifica de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação” (Freud, 1915a:142).

Assim, chegamos a célebre definição do conceito de pulsão, segundo a qual:

(...) uma pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente, no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.<sup>17</sup>

Dito isto, Freud vai destacar os quatro elementos fundamentais do conceito de pulsão, que podem ser enunciados da seguinte forma: A pulsão é uma força de **pressão** constante, que alcança a mente a partir de uma **fonte** somática, tem um **objeto** variável, através do qual realiza a **finalidade** de obter satisfação, embora por sua natureza de pressionar constantemente não se satisfaça completamente, mas apenas de modo parcial, justamente porque não há uma ação adequada que elimine o estado de estimulação na fonte. Passemos então aos quatro elementos:

#### 1- Pressão:

Sobre a pressão, Freud diz que:

Por pressão de uma pulsão, compreendemos seu fator motor, a quantidade de força, ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. A característica de exercer pressão é comum a todas as pulsões; é de fato sua própria essência.<sup>18</sup>

Esta definição diferencia a pulsão de qualquer outro estímulo endógeno de impacto momentâneo, como a fome ou a sede, que podem diminuir ou cessar desde que haja uma ação específica, que satisfaça à necessidade de alimento ou de água. E é exatamente esta característica de pressionar permanentemente, que nos permite definir a pulsão como uma força que vigora no psiquismo, ou potência em função da qual uma exigência de trabalho é feita ao aparato anímico.

Destas afirmações deduzimos que a pulsão não está a serviço de nenhuma função biológica, que é marcada pela possibilidade de satisfação através da eliminação da estimulação na fonte, diferentemente da pressão contínua que define o impulso pulsional.

---

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Ibidem.

## 2- Finalidade, Objetivo ou Alvo:

A finalidade (Ziel) de uma pulsão é sempre satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte da pulsão. Mas, embora a finalidade última de cada pulsão permaneça imutável, poderá ainda haver diferentes caminhos conducentes à mesma finalidade última, de modo que se pode verificar que uma pulsão possui várias finalidades próximas ou intermediárias, que são combinadas ou intercambiadas umas com as outras (Freud, 1915a:143).

Se a satisfação é definida pela eliminação do estado de estimulação na fonte<sup>19</sup>, e se o impulso pulsional é como vimos antes uma força de impacto constante, então, em se tratando de pulsão não há possibilidade de satisfação plena, se isto fosse possível, a pulsão teria que ser definida como uma força de impacto momentâneo. Donde deduzimos que o objetivo da pulsão é inatingível pela sua própria natureza. E justamente porque a satisfação não se alcança, a pulsão pressiona constantemente.

Aqui, o importante é demonstrar, que há processos nos quais a pulsão é parcialmente satisfeita. Por exemplo, nos *Três Ensaio*s Freud chegou a dizer que os sintomas são a atividade sexual dos neuróticos, já que baseiam-se de um lado, nas exigências das pulsões libidinosas e de outro naquelas feitas pelo ego em relação a elas.(Freud,1905:166) Isto significa dizer, que um sintoma não é menos satisfação da pulsão que um ato sexual. Isto nos dá a idéia de que existem muitas formas de obter satisfação (parcial).

Retomando estas indicações, Lacan em seu Seminário 11, dirá que o alvo é sempre atingido quanto à satisfação; no sentido de que,

(...) aqueles com quem temos que tratar, os pacientes, não se satisfazem com o que são. E, no entanto sabemos que tudo que eles são, tudo o que eles vivem, mesmo seus sintomas, depende da satisfação (...) ou melhor eles satisfazem a alguma coisa. (...) digamos que por essa espécie de satisfação, eles se fazem sofrer demais” (Lacan,1964:158).

---

<sup>19</sup> Ver tópico sobre a experiência de satisfação.

Voltando ao texto freudiano, sua hipótese de trabalho é de que o objetivo da pulsão é a satisfação, e que esta satisfação foi obtida um dia na história de cada indivíduo.

A busca da satisfação procura repetir esta vivência primeira de satisfação. E o que aprendemos com Freud é que cada objeto do qual a pulsão se apropria em sua busca infinita, revela o impossível da satisfação, ao mesmo tempo em que acena com a possibilidade de uma parcela de satisfação.

Vimos que no *Projeto* esta busca pelo objeto, está ligada a um estado de necessidade provocado pelas exigências da vida. Entretanto, o que o conceito de pulsão torna patente em psicanálise, é que não há um objeto natural da mesma que possa satisfazê-la, como é o caso do instinto.

### 3- O objeto.

O objeto de uma pulsão é a coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade. É o que há de mais variável numa pulsão e, originalmente, não está ligado a ela, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação (Freud, 1915a:143).

O objeto da pulsão é variável, mas nem por isso é prescindível. Para Freud é somente por intermédio deste que a satisfação pode ser obtida, ainda que parcialmente. O que se coloca com a variabilidade do objeto é sua especificidade, na medida em que a pulsão pede um objeto, mas isto não significa que ela implique um objeto específico.

No artigo *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, logo na primeira página Freud afirma que objeto sexual é a pessoa de quem procede a atração sexual, entretanto, mais a frente ele sugere que afrouxemos os laços que unem pulsão e objeto, no que parece ser uma tentativa de reconsiderar sua afirmação inicial sobre o objeto. “Parece provável” adverte, “que a pulsão sexual seja, em primeiro lugar, independente de seu objeto; (...)” (Freud, 1905:149). O objeto passa a ser um meio para atingir o objetivo de satisfazer a pulsão. Ele pode ser uma pessoa, uma parte de uma pessoa, bem como pode ser real ou fantasmático,

perdendo assim sua especificidade, e é sob este ponto de vista que Freud pode afirmar que ele é o que há de mais variável numa pulsão.

Apesar de não ser específico, não pode ser qualquer objeto, mas deve ser ‘peculiarmente adequado’ para tornar possível a satisfação. Esta peculiaridade é em referência à história do sujeito. Não se trata de um objeto do mundo, mas da representação que um determinado objeto adquire para um determinado sujeito.

Neste sentido, o que está em questão é não somente a relação do objeto com a finalidade, mas um modo de relação objetal que articula o indivíduo com o mundo.

#### 4- Fonte:

Por fonte de uma pulsão entendemos o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por uma pulsão (Freud, 1915a:143).

De saída esta primeira parte da definição de fonte, indica a fonte da pulsão como um processo somático que funciona como um estímulo para o psíquico. Contudo, a idéia de que este estímulo é representado na vida mental por uma pulsão nos coloca um problema. Porque uma coisa é a pulsão propriamente dita e outra coisa inteiramente diferente é a forma como esta se faz representar na vida psíquica. Conforme a teoria freudiana esta só se faz presente no psiquismo por seus representantes psíquicos: a representação e o afeto. Ora, se a pulsão como nos diz Freud, não pode ser objeto da consciência e no inconsciente ela só pode ser representada por uma idéia (Freud, 1915c:203), só podemos pensar a pulsão como sendo diferente da representação. Mas o que isto significa?

Desde o Projeto de 1895, Freud nos fala de algo que se faz presente no interior deste aparato e em função do qual ele se constitui. No Projeto esse algo é a Q, que como vimos pode ser de origem exógena ou endógena. Ele afirma que o sistema psi ( $\Psi$ ) está à mercê de Q, da qual não é possível esquivar-se, pois os estímulos endógenos se produzem de maneira contínua, “e nesse fato se assenta a mola mestra do mecanismo psíquico” (Freud[1950(1895)]:335). A função deste aparato seria dominar esta força constante.

Esta idéia do aparato como um aparato de domínio reaparece depois em 1914, em “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”, quando afirma que: “Reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos” (Freud, 1914:102).

Isto para não falar do próprio texto de 1915 sobre as pulsões, quando Freud reafirma que:

(...) o sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se dos estímulos que lhe chegam, ou reduzi-los ao nível mais baixo possível; ou que, caso isso fosse viável, se manteria numa condição inteiramente não-estimulada. Não façamos objeção por enquanto à indefinição dessa idéia e atribuamos ao sistema nervoso a tarefa – falando em termos gerais - de *dominar estímulos* (Freud,1915a:140).

A questão da fonte pulsional, de um lado nos remete à discussão da diferença entre pulsão e representação e de outro nos coloca um problema que não é pequeno, que é a questão do corpo para a psicanálise, em que pese a afirmação de que: “O estudo das fontes das pulsões está fora do âmbito da psicologia” (Freud,1915a:143). O que nos sugere que o discurso psicanalítico sobre o corpo vai diferir amplamente do discurso biológico, e que neste sentido os processos corporais no que dizem respeito à sua função fisiológica, não servem de referencial para a psicanálise.

Isto é, o corpo para nós não mantém com o mundo uma articulação natural, com direções pré-formadas, onde haveria uma adequação entre as necessidades corpóreas e os objetos do mundo. Mas afinal, se a psicanálise toma como ponto de partida um corpo cuja suposta organização natural foi perdida, o que Freud está nos dizendo quando afirma que as pulsões são “inteiramente determinadas por sua origem numa fonte somática”? (Freud, 1915a:144)

Ora, se a psicanálise supõe que a linguagem constitui o humano como tal, e opera tendo como ponto de partida o discurso, a ordem simbólica, então este corpo do qual nos fala Freud como sendo fonte de estímulos, evidentemente está submetido também à linguagem, não podendo ser reduzido a um corpo puramente biológico. Isto significa dizer que para a psicanálise, de um lado o corpo é corpo

pulsional – fonte de potência, e, de outro corpo simbólico, na medida em que está submetido à linguagem, ponto de partida da psicanálise.

A pulsão é não-natural. Isto significa que mesmo que a consideremos em seu registro somático, como excitação nervosa, ela não visa atender às necessidades do corpo enquanto totalidade orgânica, não é adaptativa.

Por não ter objeto próprio e por não poder atingir seu alvo plenamente, a pulsão impõe ao aparato um modo de funcionamento diferente daquele que caracteriza o de um animal desprovido de linguagem. É que tendo feito sua emergência no humano, a linguagem passou a significar o corpo, assim como os objetos do mundo. A instauração da ordem simbólica tem como consequência imediata a desnaturalização do corpo e das suas necessidades. Assim, tendo sido rompida a ordem natural, as necessidades (faltas) deste corpo natural, não podem mais ser preenchidas por objetos naturais (absolutos), e a ação desencadeada por estas faltas, fica sem uma direção predeterminada. Com isto, a satisfação plena torna-se inviável, já que o objeto absoluto se perdeu, não há mais objeto específico. Ao tomar a linguagem como ponto de partida a psicanálise recusa a ordem natural, para a qual não há falha, não há fenda.<sup>20</sup>

Nesta relação entre fonte somática de estímulo e aparato psíquico (lugar da linguagem), a pulsão funciona como elemento de articulação, e talvez seja este o sentido da afirmação freudiana de que a pulsão é um conceito de fronteira entre o psíquico e o somático.

Concluimos assim com Freud, que se de um lado temos uma força constante (pulsão), de outro temos um aparato que captura e transforma o disperso pulsional, segundo uma ordem que é a da representação ou linguagem<sup>21</sup>, transformando este disperso pulsional em idéias carregadas de afeto. Então é fato que a pulsão aponta para dois registros: o somático e o psíquico. Do ponto de vista de seu registro somático ela é um estímulo para o psíquico, algo que faz uma exigência de trabalho à psique. Do ponto de vista anímico, destacamos o modo como a pulsão se faz presente no psiquismo. Ou seja, enquanto conceito fronteiro a pulsão articula psíquico e somático.

---

<sup>20</sup> Sobre este tema, cf. GARCIA-ROZA, L.A., *O Mal Radical em Freud*, Rio de Janeiro: Zahar, 1990 (p. 13 à 20).

<sup>21</sup> A identificação do aparato anímico como um aparato de captura e transformação, é apresentada por GARCIA-ROZA, L., *Introdução à Metapsicologia Freudiana I*, Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

Ainda sobre a fonte, Freud vai destacar um outro aspecto importante: “Todas as pulsões são qualitativamente semelhantes” (Freud, 1915a:144), e o efeito que causam deve-se à quantidade de excitação que trazem em si. Assim, Freud sustenta a tese defendida no *Projeto* de que o sistema psíquico recebe de seu exterior apenas quantidades e não qualidades. É que no artigo de 1895, Freud discute no tópico destinado ao problema da qualidade, a idéia de que o aparelho psíquico recebe do mundo, apenas quantidades externas e que é esperado da estrutura do sistema nervoso que ela se constitua de instrumentos destinados a converter a quantidade externa em qualidades.

## 2.5

### Os dois dualismos pulsionais

Reconhecemos em Freud pelo menos duas teorias sobre as pulsões. Na primeira etapa da elaboração freudiana sobre as pulsões, a teoria pulsional foi abordada no quadro do conflito entre o Eu e a sexualidade, que é o conflito subjacente às neuroses. Neste primeiro tempo, como já vimos Freud distingue dois grupos de pulsões: as pulsões sexuais e as pulsões de auto-conservação; ou pulsões do eu. Entretanto em seu artigo metapsicológico sobre as pulsões, Freud declara que esta distinção:

(...) não tem **status** de postulado necessário; (...) ela não passa de uma hipótese de trabalho, a ser conservada apenas enquanto se mostrar útil, e pouca diferença fará aos resultados do nosso trabalho de descrição e classificação se for substituída por outra (Freud, 1915a:144/145).

Nestas palavras reconhecemos um prenúncio do que viria a suceder-se em 1920, quando da substituição da primeira teoria pulsional pela segunda teoria pulsional, que examinaremos aqui.

Foi em 1910, num curto artigo sobre as perturbações psicogênicas da visão, que Freud introduziu o termo pulsões do eu, identificando-as de um lado com as pulsões de auto-conservação, e por outro com a função repressiva cujo objetivo seria defender o eu ameaçado pelas exigências da sexualidade. Neste texto ele afirma que existiriam dois grupos de pulsões: “aquelas que favorecem a

sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e as demais pulsões que tem por objetivo a auto-preservação do indivíduo – as pulsões do ego” (Freud, 1910:199). Acrescentando numa nota de rodapé a título de esclarecimento que “... a libido significa apenas a energia das primeiras, das pulsões sexuais” (Freud, 1910:200).

A idéia central deste artigo é a de que as perturbações psicogênicas da visão podem ser explicadas a partir do conflito pulsional. Freud explica que o prazer sexual em olhar é uma erogenização do aparelho da visão, e as exigências excessivas da pulsão sexual acabam por convocar as defesas do eu que, ao sentir-se ameaçado pelas exigências da sexualidade, as desvia através de repressões. Assim, o órgão envolvido no conflito, neste caso o olho, “converte-se no palco da luta entre as pulsões” (Mezan, 1982:157); onde de um lado se fazem sentir as exigências da pulsão sexual e de outro as pulsões de auto-conservação que fornecem a energia para que o eu opere a repressão. A consequência é uma cegueira histérica ou uma paralisia histérica da mão, para usarmos os exemplos de Freud. No caso da cegueira histérica,

(...) é como se a repressão houvesse sido exagerada pelo ego, e como se tivesse despejado a criança com a água do banho: o ego se recusa a ver outra coisa qualquer, agora que o interesse sexual em ver se tornou tão predominante (Freud, 1910:202).

A novidade neste texto, é que o eu até então um dos pólos do conflito defensivo e portanto, designado apenas através das funções de recalque, resistência e teste de realidade, que lhe são atribuídos, recebe aqui um suporte pulsional, sendo assim, o conflito subjacente às neuroses aparece agora claramente como o resultado do embate entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu.

No entanto esta concepção teórica sobre as pulsões determina um certo número de problemas, cuja elucidação conduz ao abandono da dicotomia sexualidade/auto-conservação e à sua substituição pela dupla vida/morte.

Estas teorias sobre a pulsão se complementam. A segunda vem modificar e reequilibrar a primeira, e o eixo em torno do qual ocorre esta evolução é o momento intermediário do narcisismo (Laplanche, 1988:20).

Quando esta substituição se instala em *Além do Princípio do Prazer*, estamos já na fase final da elaboração da segunda tópica de Freud. No entretempo as pulsões de auto-conservação são de início identificadas com as pulsões do eu, mas a descoberta do narcisismo impõe uma modificação nas concepções a este respeito.

Para entendermos esta substituição fazem-se necessários alguns esclarecimentos acerca do conceito de narcisismo. Passaremos ao estudo deste conceito e sua relação com a emergência na teoria psicanalítica, do conceito de pulsão de morte.

## 2.6

### **Da teoria do narcisismo à emergência de uma nova teoria pulsional.**

O tema do narcisismo<sup>22</sup> é um dos mais importantes na obra freudiana e um marco na evolução conceitual da psicanálise.

Em relação ao nosso estudo esse tema é de extrema relevância, pois aborda os problemas mais profundos das relações entre o eu e os objetos, das quais participam ativamente os dois grupos de pulsões.

O narcisismo é apontado por Freud a partir de 1914 como um estágio de desenvolvimento da libido necessário à constituição da subjetividade. Seria, portanto, condição de formação do eu, designando uma fase intermediária entre o auto-erotismo e o amor objetal.

Nesse trabalho Freud analisa as relações entre o eu e o objeto externo, o conceito do ideal do eu e do agente auto-observador que a ele se relaciona. Tudo isso virá a compor o superego, que, em 1923, surgirá em o *Ego e o id*.

Freud justifica o narcisismo como um modo de funcionamento libidinal posterior ao auto-erotismo. Trata-se de um investimento libidinal numa imagem do eu que agora possui uma unidade e que vai se opor ao corpo não unificado do auto-erotismo. Este seria uma forma de funcionamento libidinal prévia à unificação do eu, onde as pulsões estariam produzindo satisfação local em

---

<sup>22</sup>Tomamos como sabido o mito de Narciso, que se apaixona por sua própria imagem refletida num lago, e que inspirou o termo usado por Freud.

diferentes partes do corpo, na tentativa de reeditar a experiência primária de satisfação. O narcisismo ao contrário, implica o eu.

Sabemos que duas questões ocupavam o centro das atenções de Freud quando ele escreveu o artigo de 1914. A primeira dizia respeito à distinção entre libido do eu e libido do objeto, a segunda era de como articular a teoria da libido com a psicose.<sup>23</sup>

Este artigo nasce como uma tentativa de resolução de um problema colocado em pauta por Jung, que demandava de Freud formulações a respeito da esquizofrenia - ou demência precoce.

Esta patologia era o principal interesse de Jung, cuja correspondência com Freud, iniciada em 1906, nos fornece importantes elementos quanto à origem do conceito de narcisismo.

Jung questionava Freud, no tocante à questão do investimento objetal na esquizofrenia. Ao contrário de Freud, para Jung o investimento objetal se mantém mesmo na psicose, enquanto para Freud há uma retirada da libido da realidade externa, um recolhimento ao eu, sem qualquer reinvestimento objetal nos moldes do que acontece na neurose.

Além disso, na concepção junguiana a energia psíquica que Freud chamou de libido, não era necessariamente sexualizada, mas neutra.

O texto sobre o narcisismo é claramente uma réplica a Jung, uma demonstração da aplicabilidade da teoria sexual às psicoses, firmando de uma vez por todas a sexualidade como um modo de funcionamento do aparelho psíquico. O questionamento de Jung, foi de suma importância, pois contribuiu na produção de uma nova ordem teórica, que tem como consequência o desmantelamento da primeira tópica e o desenvolvimento posterior da teoria da pulsão de morte. (Pinheiro, T., e Jordão, A., 2000:17)

•

Vimos que em sua primeira formulação da teoria das pulsões, Freud defende uma concepção dualista na qual distingue a pulsão sexual das pulsões de

---

<sup>23</sup> Quando se fala de libido em Freud estamos falando de uma energia psíquica, da expressão anímica da pulsão sexual.

auto-conservação ou pulsões do eu. Enquanto a energia da pulsão sexual é a libido, as pulsões de auto-conservação ou egóicas colocariam sua energia – “interesse” – a serviço do eu, visando à auto-conservação do indivíduo.

Com a introdução do conceito de narcisismo em 1914, a oposição entre pulsões sexuais e pulsões do eu, sofre um abalo na medida em que o conceito de narcisismo torna patente que as pulsões sexuais podiam retirar a libido investida nos objetos e fazê-la voltar sobre o próprio eu; constituindo-se em libido narcísica.

Ora, se o eu é também objeto de investimento das pulsões sexuais, e esta é a referência central do conceito de narcisismo (a de que o sujeito mantém com seu próprio eu, uma relação amorosa), como distinguir entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais, já que o próprio amor ao eu é também de ordem sexual?

Afirmar o eu como objeto de amor, abre questões que tornam frágil a teoria pulsional proposta por Freud, e ele se vê obrigado a revê-la.

O que fica evidente a partir do conceito de narcisismo é que o próprio eu transforma-se em objeto de investimento libidinal; logo a distinção entre pulsões sexuais e pulsões do eu (entendidas como não sexualizadas), perde seu sentido, já que o conceito de narcisismo aponta para uma sexualização do eu.

É neste ponto que Freud vai distinguir entre libido do eu e libido objetal. Isso explicaria a possibilidade da libido tomar como objeto de investimento o próprio eu ou um objeto externo.

Esta idéia de uma libido, que ora toma o eu por objeto, ora algo que lhe é exterior, em parte nos aproxima da teoria jungiana, que propunha dentre outras coisas uma libido única, primordial, que poderia ser sexualizada ou não.

Somente em 1920, Freud procede a uma revisão dessa teoria, quando unifica as pulsões sexuais e egóicas sob o nome de pulsões de vida, contrapostas à pulsão de morte.

Em uma longa nota de rodapé inserida no final do capítulo VI do *Além do Princípio do Prazer*, Freud sintetiza a evolução sofrida pela sua teoria das pulsões. Lembra que a hipótese da libido do Eu o obrigou a rever o conceito de pulsão sexual, que se transformou em parte de *Eros*, a pulsão de vida. O outro pólo do primeiro dualismo - as pulsões do Eu - inicialmente designava todas as tendências pulsionais menos conhecidas, que se diferenciavam das pulsões

sexuais dirigidas ao objeto. Contudo a descoberta do caráter libidinal das pulsões do Eu o levou a substituir o antigo dualismo, e a partir daí:

(...) essas pulsões narcisistas e autoconservadoras tiveram de ser incluídas entre as pulsões sexuais libidinais. A oposição entre as pulsões do ego e as pulsões sexuais transformou-se numa oposição entre as pulsões do ego e as pulsões do objeto, ambas de natureza libidinal (Freud,1920:82).

No lugar da antiga oposição, surgiu outra donde as pulsões libidinais (egóicas e de objeto) foram opostas à pulsão de morte.

O que se observa no desenrolar da trajetória teórica freudiana é como um giro da teoria sobre si mesma, uma constante revisão dos pontos de vista anteriormente apresentados, como também a novos desenvolvimentos que conservam sua atualidade até hoje. (Pinheiro, T., e Jordão, A., 2000:19) O próprio artigo de 1920, intitulado *Além do Princípio do Prazer*, é uma revisão, já que a partir dali a teoria das pulsões toma outra direção. A originalidade deste texto é a introdução do conceito de pulsão de morte, que como veremos vai ser inferido por Freud pela observação dos fenômenos de repetição.

Além de modificações na teoria pulsional, o que vamos observar a partir do que é enunciado na obra de 1920, é uma reformulação da metapsicologia que diz respeito, sobretudo aos limites de validade do princípio do prazer. (Garcia-Roza, 1999:72)

Aqui será necessário um pequeno desvio, antes de entrarmos nas considerações sobre a repetição compulsiva, para apresentarmos o que é o princípio do prazer e de que forma este princípio está envolvido na teorização freudiana sobre a pulsão de morte, já que a pulsão de morte aparece em Freud, como aquilo que está *além do princípio do prazer*.

## 2.7

### **Além do prazer**

Desde o *Projeto* de 1895, Freud concebe o aparelho psíquico como regulado por uma tendência a eliminar tensões (excesso de excitação), ou pelo menos reduzi-las ao nível mínimo necessário para o funcionamento do organismo.

A este modo de funcionamento Freud inicialmente chamou de *Princípio de constância*. Segundo este modelo de funcionamento, o aumento da excitação provoca uma sensação de desprazer, enquanto que a descarga da mesma resulta na sensação de alívio ou prazer.

O *Princípio de Prazer* decorre do *Princípio de Constância*, que aparece pela primeira vez nos *Estudos sobre a Histeria*. Ali Breuer o define como “a tendência a manter constante a excitação intracerebral” (Freud, [1893-1895]:205) e o atribui a Freud, que por sua vez vai tratar do assunto em seu *Projeto para uma Psicologia Científica*.

Naquele momento de sua produção teórica, Freud concebeu um aparato psíquico regulado pelo princípio da inércia neuronal<sup>24</sup>, funcionando no sentido de se ver livre dos estímulos, e isso seria possível através da descarga de Q recebida.

Em Freud, o que justifica o Princípio do Prazer é a idéia de que o aparato psíquico esforça-se por manter a excitação tão baixa quanto possível, e que quando a excitação atinge níveis elevados dentro do sistema, ocorre uma descarga que proporciona alívio. A este mecanismo que regula a descarga de estímulos e evita o desprazer, Freud deu o nome de Princípio de Prazer.

Contudo, no texto de 1920, Freud se questiona sobre os fatores que poderiam contradizer a idéia de que “o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio do prazer” (Freud, 1920:17).

À medida que desenvolve a teoria pulsional e introduz concepções mais elaboradas sobre estes mecanismos de lidar com a estimulação, Freud observa alguns fatos, tanto na esfera da normalidade, quanto na da patologia, que impõe uma revisão radical da teoria: O Princípio de prazer não reina soberano, há algo que é anterior a sua supremacia. Tais fatos: os neuróticos sonham com os acidentes que originaram seus traumas, uma criança reproduz simbolicamente as ausências da mãe, a reação terapêutica negativa e a experiência da repetição na transferência, obrigam Freud a repensar a questão do prazer. Ele conclui:

---

<sup>24</sup> Segundo Paes de Barros (1975), no capítulo I, da primeira parte do *Projeto*, Freud vai apresentar o Princípio de constância como resultante da modificação do Princípio de inércia. Assim, a tendência neurônica primitiva, para o nível tensional zero, é substituída pela tendência ao nível tensional mínimo possível (isto é, a um nível constante).

(...) é incorreto falar na dominância do princípio do prazer sobre o curso dos processos mentais. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo. O máximo que se pode dizer, portanto, é que existe na mente uma forte *tendência* no sentido do princípio de prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas outras forças, ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer (Freud, 1920:20).

Nestas linhas a pergunta que se depreende é a seguinte: Se evitar o desprazer e atingir o prazer é o objetivo precípua do aparato, como poderíamos explicar a ocorrência de episódios de angústia, tais como a ocorrência de sonhos de angústia, os fenômenos da neurose traumática, a reprodução de situações desprazerosas na relação transferencial ou a reação terapêutica negativa? Tais situações não engendram prazer, mas se repetem dentro da análise e fora dela. A este fenômeno Freud deu o nome de compulsão à repetição.

## 2.8

### A repetição compulsiva

A primeira vez que o conceito de compulsão à repetição aparece na obra freudiana é no texto de 1914, intitulado *Recordar, repetir e elaborar*, quando Freud o designou como uma maneira do paciente recordar aquilo que foi recalcado. “Enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a essa compulsão à repetição; e no final, compreendemos que esta é sua maneira de recordar” (Freud, 1914: 197).

Contudo, nesse trabalho, como sublinhou Lacan<sup>25</sup>, a repetição ainda não apresenta seu estatuto mais radical, destacado por Freud em *Além do princípio do prazer*. Em 1914, a repetição ainda confunde-se com uma forma específica de rememoração, isto é, a presentificação em ato de determinados elementos da história do sujeito que não foram rememorados. Desencadeada pela ação da resistência - resistência à regra fundamental da associação livre, que implica em trazer à palavra, em simbolizar as moções pulsionais recalçadas -, e na vigência do

---

<sup>25</sup> Em seu Seminário 11, intitulado *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

vínculo transferencial, a repetição surge nesse momento <sup>26</sup>, para Freud, no lugar da rememoração.

A noção freudiana de neurose de transferência está relacionada com a possibilidade de o sujeito presentificar na transferência, suas questões neuróticas. Para Freud, a elaboração é o modo pelo qual a experiência analítica permite fazer face às resistências que se opõem à emergência dos componentes pulsionais recalçados. “Nesse sentido, a elaboração confunde-se com o próprio trabalho analítico, na medida em que este visa essencialmente à simbolização” (Coutinho, J., 2002: 60).

Passados cinco anos, desta primeira definição de compulsão à repetição, Freud vai enunciar em um artigo intitulado *O estranho*, algo que será articulado efetivamente no ano seguinte, em *Além do princípio do prazer*; ou seja, a necessidade de dar conta de certos fenômenos que indicam uma repetição pura a operar no sujeito, embora, aqui, a repetição ainda não apareça vinculada à pulsão de morte:

Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma ‘compulsão à repetição’, procedente dos impulsos pulsionais e provavelmente inerente à própria natureza das pulsões – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas; uma compulsão que é responsável, também por uma parte do rumo tomado pelas análises de pacientes neuróticos (Freud, 1919:297).

Freud acrescenta ainda que o que quer que esteja ligado à esta compulsão à repetição é percebido como estranho. Ele exemplifica isto com um fato ocorrido com ele, quando durante um passeio numa cidadezinha do interior da Itália, viu-se retornando repetidamente, e de modo “involuntário”, ao mesmo quarteirão da zona de prostituição.

Como já indicamos antes, é no texto de 1920, que o conceito de compulsão à repetição adquire valor central, na teorização do conceito que estamos investigando - o de pulsão de morte.

---

<sup>26</sup> Em 1914.

Para compreender a radicalidade do estatuto da repetição, tal como introduzido por Freud em *Além do princípio do prazer*, é preciso destacar a estreita vinculação estabelecida por ele entre esta e a pulsão de morte. É através da análise dos fenômenos que indicam uma repetição pura a operar no sujeito insistentemente, que ele se vê levado a conceber a pulsão de morte. Tais fenômenos são principalmente, a repetição de sonhos traumáticos, a repetição na transferência, o brincar infantil e a reação terapêutica negativa.

A repetição aparece sob a forma de uma compulsão. De origem inconsciente e difícil de controlar, essa compulsão leva o sujeito a se colocar repetitivamente em situações dolorosas, reproduzindo antigas experiências. Numa análise estas repetições acontecem o tempo todo. Os pacientes repetem na transferência todas essas circunstâncias aflitivas e a função do analista é segundo Freud:

(...) forçar tanto quanto possível o canal da memória, e permitir que surja como repetição o mínimo possível (...) Deve fazê-lo reexperimentar alguma parte de sua vida esquecida, mas deve também cuidar, por outro lado, que o paciente retenha certo grau de alheamento, que lhe permitirá, a despeito de tudo, reconhecer que aquilo que parece ser realidade é na verdade, apenas reflexo de um passado esquecido (Freud, 1920:32).

A novidade que é digna de nota é que a compulsão à repetição aparece não sob a dominância do princípio de prazer, mas como algo que escapa a essa dominância. O conteúdo repetido pelo neurótico na situação transferencial é marcado com o mais profundo desprazer para todas as instâncias psíquicas.

(...) a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos pulsionais que desde então foram reprimidos (Freud, 1920:34).

Se isso que se repete sob a pressão de uma compulsão, apenas conduz ao desprazer, então “... existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer” (Freud, 1920:36).

Para usarmos as palavras do metapsicólogo, haveria “algo mais elementar e mais pulsional que o princípio do prazer” (Freud, 1920:37), que se expressaria pela compulsão à repetição.

Mas se é fato que há repetição e isso não se discute, então como explicá-la? Ou melhor, a que finalidade ela serve?

Justamente o propósito do quarto capítulo do *Além do Princípio de Prazer* é “(...) conhecer algo sobre ela, aprender a que função corresponde, sob que condições pode surgir e qual é sua relação com o princípio de prazer”.<sup>27</sup>

Aqui mais uma vez somos advertidos, de que não há proteção possível, contra os estímulos internos, contra “as excitações que provém de dentro” (Freud, 1920:44). Este estado de coisas tem como consequência que o sistema Cs.<sup>28</sup>, encontra-se entregue sem defesa às sensações de prazer e de desprazer.

Para ilustrar a posição do sistema Cs. frente a processos excitatórios que provém do interior do aparelho psíquico, Freud retoma o exame das neuroses traumáticas que ele define como “quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor” (Freud, 1920:45).

Quando ocorre um trauma, se produz um distúrbio de tal ordem no funcionamento da economia energética do aparelho, que o princípio de prazer é posto fora de ação, e sendo assim não é mais possível impedir que o aparelho psíquico seja invadido por grandes quantidades de excitação, ou de energia em estado “livre”. Resta ao organismo tentar dominar as quantidades de energia que irromperam. Isto equivale a “ligá-las” aos outros focos energéticos existentes para poder imobilizá-las e depois descarregá-las.

Para conseguir este objetivo o organismo convoca toda a energia disponível e realiza um ‘contrainvestimento’, à custa do empobrecimento de todos os outros sistemas psíquicos; o caráter paralisante da dor atesta isto. O resultado é uma redução e até uma paralisação, das funções psíquicas remanescentes.

O objetivo deste contrainvestimento seria imobilizar o influxo de novas quantidades de excitação, e transformá-las em cargas energéticas quiescentes, ou ligadas. Neste sentido, para que o princípio de prazer possa atuar, é necessário antes dominar o volume de excitação, e é mediante a repetição que o organismo

---

<sup>27</sup>Idem.

<sup>28</sup>A consciência seria um sistema específico que constituiria a fronteira, ou interseção entre o exterior e o interior. Sua “sede” estaria localizada no “córtex cerebral, a camada mais externa, envolvente do órgão central” (Freud, 1920:39). Ela funcionaria como um envelope que se acha voltado para o mundo externo e envolve os outros sistemas psíquicos.

obtem este controle. É repetindo que o organismo tenta ganhar o controle da situação, se preparando para perigos futuros. A repetição serve para desenvolver angústia no sujeito, para preveni-lo de traumas futuros. Há na ansiedade algo que prepara seu sujeito contra o susto, nos diz Freud.<sup>29</sup>

No caso dos sonhos traumáticos o que se observa é que o paciente é conduzido de volta à situação em que o trauma ocorreu. Estes sonhos correspondem a um outro objetivo que deve ser realizado antes que a realização de um desejo, antes que o princípio de prazer possa mesmo começar<sup>30</sup>. Tem por finalidade fazer nascer no sujeito um estado de ansiedade cuja omissão foi a causa da neurose traumática. Estes sonhos segundo Freud:

Concedem-nos assim a visão de uma função do aparelho mental, visão que, embora não contradiga o princípio de prazer, é sem embargo independente dele, parecendo ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar o desprazer (Freud, 1920:48).

Aqui é a primeira vez que se faz uma exceção à proposição de que todo sonho é a realização de um desejo. Na verdade os sonhos que observamos nas neuroses traumáticas, obedecem antes à compulsão à repetição. Isso não implicaria, entretanto, segundo Freud uma negação de sua função posterior, apenas parece que:

a função dos sonhos, que consiste em afastar quaisquer motivos que possam interromper o sono, através da realização dos desejos dos impulsos perturbadores, não é a sua função *original* (Freud, 1920:49).

O que Freud introduz nestas passagens é uma tese decididamente nova. Há processos que suspendem a ação do princípio de prazer, ou melhor, há na repetição algo de mais pulsional que o prazer. Esta tese nos traz um problema, afinal o prazer por definição seria o correlato do alívio resultante da descarga exigida pela pulsão. Então o que significa dizer que a repetição é mais pulsional que o prazer?

---

<sup>29</sup> Op. cit. p. 24.

<sup>30</sup> Antes desta proposição, Freud afirmou que o sonho seria a realização de um desejo. (Freud, 1900:132)

Voltemos um pouco no tempo para respondermos nossa pergunta, mais especificamente em 1915, no artigo *As Pulsões e suas vicissitudes*. Ali, Freud define a pulsão pelos seus elementos, isto é, pela sua fonte, por sua finalidade, pelo seu objeto e por sua força, ou capacidade de exercer pressão. Estes quatro elementos vão marcar certo circuito percorrido pela pulsão, que parte da fonte em direção ao alvo, contornando o objeto e retornando à fonte, onde voltará a pressionar. Logo a repetição é pulsional assim como a pulsão é repetitiva. Há na pulsão algo que impele à repetição e contra isto não há defesa possível.

De fato Freud vai começar o quinto capítulo de *Além do princípio de prazer*, nos informando que a ausência de qualquer escudo protetor frente às excitações provindas de dentro, lhes dá uma importância econômica comparável às neuroses traumáticas, na causação de distúrbios psíquicos. As fontes mais abundantes dessa excitação interna são as pulsões que constituem “os representantes de todas as forças que se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho mental, desde logo o elemento mais importante e obscuro da pesquisa psicológica” (Freud, 1920:51).

Ele prossegue dizendo que os impulsos que surgem das pulsões, pertencem ao tipo de processos livremente móveis, que pressionam para descarregar. Podemos conhecer estes processos pelo estudo dos sonhos, através do que os descobrimos como os processos dos sistemas inconscientes, sob a forma de processos primários. Concluindo, os impulsos pulsionais obedecem ao processo primário, enquanto a finalidade do processo secundário é justamente ligar a energia destes impulsos e canalizá-la para objetos e alvos sintônicos com o Eu.

Lembremos que a tarefa do aparelho psíquico seria dominar a excitação pulsional. Quando isto não é possível ocorre a neurose traumática. Enquanto essa finalidade não for alcançada, a dominância sem entraves do princípio de prazer (e de seu substituto, o princípio de realidade) não será possível. Até então “... a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de dominar ou sujeitar as excitações, teria precedência, não, na verdade, em oposição ao princípio de prazer, mas independentemente dele e, até certo ponto, desprezando-o” (Freud, 1920:52).

Neste ponto, Freud volta a se debruçar sobre a questão da compulsão à repetição, cujas manifestações nos diz ele, “apresentam em alto grau um caráter pulsional”.<sup>31</sup>

Ora, não só o aparato recebe repetidamente do interior excitações pulsionais comparáveis às excitações traumáticas, como as manifestações da compulsão à repetição são um atributo essencial das excitações pulsionais.

Nós já vimos como o predicado de ser repetitiva se articula à pulsão; mas afinal “como o predicado de ser ‘pulsional’ se relaciona com a compulsão à repetição?” (Freud, 1920:53).

É a partir daí que Freud introduz aquilo que ele vai designar como pulsão de morte definindo-a como:

(...) *um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas*, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica.<sup>32</sup>

A visão de Freud neste artigo é a de que todos os seres vivos teriam uma tendência para a autodestruição.

A reflexão sobre esta tendência de retorno ao estado anterior, levou Freud ao conceito de pulsão de morte. Esta tendência da pulsão de morte, que restabelece formas menos diferenciadas, menos organizadas, opõe-se a um outro movimento pulsional, definido pelo estabelecimento e manutenção de formas inversas a estas, e que apresentam um aumento das diferenças de nível energético entre o organismo e o meio. Este outro movimento pulsional é encabeçado pelas pulsões de vida.

Assim é introduzida a pulsão de morte em *Além do princípio do prazer*, tendo sido desde então designada na teoria freudiana, como uma categoria que se opõe á pulsão de vida e que tende para a redução completa das tensões.

---

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Ibidem.

A pulsão de morte radicaliza o objetivo pulsional de redução de tensão, porque seu alvo é a redução à zero, a morte da tensão. Neste sentido ela é auto-destrutiva, porque vai abolir a diferença quantitativa entre o prazer da satisfação exigido e o que é realmente alcançado, o que se constitui no fator propulsor para novas tensões.